



A clausura da diferença: mediatização da religião, enquadramento e identidades em uma discussão online¹

Luís Mauro Sá Martino

Resumo: Este trabalho delinea os enquadramentos de alteridade nos comentários dos leitores nos sites “GospelMais” e “Umbanda, eu curto” a respeito da decisão da Justiça Federal, de abril de 2014, segundo a qual cultos afro-brasileiros não são religião. A partir da análise de 278 comentários foi possível observar três principais enquadramentos da alteridade: (a) como alteridade radical, com a qual não é possível se comunicar; (b) como “erro” a ser “corrigido”; (c) em menor escala, como parte da mesma identidade. O texto discute esses enquadramentos na perspectiva da mediatização da religião.

Palavras-chave: Mediatização da religião. Alteridade. Política. Identidade. Comunicação.

Abstract: **Mediatization of religion and identity framing in a online discussion concerning a court decision.**

This paper outlines the framing of otherness in online interactions and posts by evangelical and afro-brazilian users of religious websites concerning a Supreme Court decision stating that afro-brazilian cults are not religions. The goal is to understand the frames used to describe otherness. Analysis has shown three main frames: (a) otherness as a radical closure, without any communication possibility; (b) someone ‘wrong’ or ‘mislead’ to be ‘corrected’; (c) as an equal, to whom is possible share ideas. The discussion places these frames in the contemporary mediatization of religion.

Keywords: Mediatization of religion. Identity. Otherness. Politics.

¹ Texto originalmente apresentado no VIII Encontro de Pesquisadores da Uniso – Mídia e Alteridade. Universidade de Sorocaba, 06 a 10 de outubro de 2014.

Pensar as relações contemporâneas entre mídia e religião significa, entre outras coisas, observar essa interação no processo de mediatização. A articulação de diversos processos sociais com o ambiente das mídias, um dos traços do processo de mediatização, não deixou de lado a religião em suas várias modalidades, Hoover (2006), Hjarvard (2008) ou Gomes (2010). As mudanças no *modus operandi* de denominações religiosas antigas, o surgimento de modalidades do religioso pautados pelos ambientes mediáticos e as intersecções entre religião e outras esferas da sociedade está progressivamente ligada às articulações com a lógica da mídia.

No estudo das relações entre mídia e religião, pensadas a partir da noção de “mediatização da religião”, vale observar como práticas e princípios se relacionam com os processos midiáticos, em espaços interacionais nos quais as expressões de religiosidade, ainda que individuais, revestem-se de uma problemática institucional e política. Como apontam várias pesquisas: Gomes (2004; 2010), Fausto Neto (2004; 2008), Meyer e Moors (2006), Borelli (2010), Gasparetto (2011) e Martino (2013), pensar os processos de mediatização da religião significa levar em conta que a experiência das religiosidades, nos ambientes midiáticos, ganha contornos próprios a uma sociedade caracterizada pela ubiquidade dos dispositivos comunicacionais.

Este trabalho observa a intersecção entre religião e política em um ambiente digital, tomando como objeto de estudo os comentários online a respeito de uma decisão TJ do RJ que descaracterizava religiosidades afro-brasileiras como “religiões”. Foram examinados 278 comentários, postados nos sites GospelMais (260) e Umbanda, eu curto (18), os portais de notícias ligados diretamente a crenças religiosas – no caso, evangélica supradenominacional e umbandista desvinculada de terreiro específico – que noticiaram o fato. Observou-se as clivagens de alteridade nas postagens e interações efetivadas nesse ambiente.

O objetivo é identificar a apropriação interacional de alteridades em um ambiente digital, a partir de um episódio da lógica concorrencial do campo religioso (BOURDIEU, 1971).

Uma nota preliminar importante: não é objetivo aqui de maneira alguma caracterizar de modo simples grupos caracterizados pela pluralidade e complexidade, relacionadas a contextos e percursos históricos. Assim, qualquer referência a “evangélicos”, “afro-brasileiros” ou termos correlatos refere-se exclusivamente aos agentes tais quais se manifestaram, em termos de proximidades, aderência, alinhamento ou simpatia, nos

comentários, sem nenhuma perspectiva de generalização ou caracterização mais ampla de grupos.

No dia 16 de maio de 2014, portais de notícias divulgaram uma decisão do juiz Eugênio Rosa de Araujo, da 17a. Vara de Justiça Federal do Rio de Janeiro, declarando que Umbanda e Candomblé “não eram religiões”. A razão seria a ausência de um texto-base, de uma estrutura hierárquica e da crença em um deus. A afirmação respondia a uma ação do Ministério Público Federal que pedia a retirada do *Youtube* de vídeos com conteúdo que, em sua interpretação, agredia cultos afro-brasileiros. Este episódio ganha contornos políticos na medida de seus vínculos com a problemática da identidade cultural: trata-se da formulação de discursos de alteridade secundada pelo Ministério Público Federal.

A escolha por sites institucionais em vez de sites generalistas de notícias deve-se ao fato de que, ao contrário da mídia laica, os vínculos religiosos são explícitos – e, portanto, já existe a pressuposição de filiação a uma narrativa na qual os enquadramentos de identidade estão subentendidos. Essa escolha relaciona-se com os objetivos deste texto: no espaço aonde uma narrativa é “dada”, como acontece a apreensão da alteridade? Como se manifestam os atores informados por outro enquadramento, o “eles”?

Embora os 278 comentários tenham sido analisados, foram selecionados para inclusão neste texto, por questões de espaço, os mais representativos dos enquadramentos encontrados. Vale observar que no site evangélico ocorreram seis interações, e nenhuma no site umbandista. Foi mantida a grafia e o estilo dos textos.

O delineamento de fronteiras entre o caráter “religioso” e “identitário-político” do acontecimento apresenta dificuldades por conta da sobreposição de pontos de vista e argumentos presentes nos comentários dos internautas. Nesse particular, a escolha pelos comentários de leitores coloca o foco nas apropriações do “outro”, em um ambiente institucional. Em termos metodológicos, o processo de mediatização da religião implica também entender a vivência do religioso no ambiente midiático.

Enquadramento e definição de identidades

A percepção da alteridade, bem como a constituição de uma identidade, parece estar diretamente ligada à maneira como se compreende a si mesmo e ao outro. Os referenciais utilizados para interpretar a alteridade, situando-a dentro das chaves de análise do sujeito, contribuem significativamente para definir o tipo de relação que se terá com o outro. A configuração dos problemas identitários pode, nesse sentido, servir-se da contribuição da perspectiva do chamado “enquadramento”.

A noção de enquadramento, tal como proposta formulada por Goffman (1974) refere-se em linhas gerais às referências cognitivas empregadas pelos indivíduos para a atribuição de sentido a uma determinada situação. Diante de qualquer fato do cotidiano, a instância primária de percepção é a resposta à pergunta implicitamente formulada pelo sujeito: “o que está acontecendo aqui?”. A resposta depende da delimitação dos quadros perceptivos formados a partir das referências cognitivas empregadas para definir uma situação qualquer. Operacionalizando referenciais da chamada sociologia fenomenológica a partir de referências à Berger; Luckmann (1986), Goffman (1974) entende os processos de atribuição de sentido como redefinição permanente do “real” ou “verdade” em uma situação.

O sentido de uma situação não reside totalmente em si, mas depende dos quadros de referência (“frames”) utilizados pelo sujeito cognoscente. Esses quadros, por sua vez, se constituem a partir das referências prévias – experiências, conhecimentos, vivências, afetividades – elaboradas na experiência do indivíduo com a realidade que o cerca.

Empregados com especial frequência nos estudos de Comunicação e Política, como recorda Porto (2004), a noção de enquadramento identifica como uma situação definida a partir de um quadro, quando percebida e narrada, inclui em si mesma esse quadro, ao qual está indelevelmente ligada. Ao se analisar uma narrativa, os quadros de referência presentes podem ser identificados na análise dos pontos de vista implícitos, as “petições de princípio” orientadores do que é narrado – veja-se, por exemplo, os trabalhos de Entman (1993), Scheufele (2004), ou Mendonça; Simões (2012).

Do ponto de vista do sujeito cognoscente, os quadros não são responsáveis pela formulação de uma “opinião” ou de um “ponto de vista” passível de debate, mas tendem a se apresentar como a verdade a respeito de um fato ou acontecimento. Os quadros para a definição de uma situação princípios de organização cognitiva de um evento, aponta Goffman



(1974, p. 10), se constituem como meta-observação do que está acontecendo – a congruência entre a situação e a definição da situação, os quadros, objetiva-se na certeza, por parte do indivíduo, de que sabe o que está acontecendo e é capaz de agir na situação. A interação a seguir sugere essa articulação relativa de referências:

Quadro 1 - Interação pautada em visões de mundo opostas

Interlocutor A disse: <u>15 de maio de 2014 às 3:42 pm</u> VIVEMOS EM TEMPOS DA INQUISIÇÃO EVANGÉLICA.
Interlocutor B disse: <u>16 de maio de 2014 às 1:50 pm</u> só não falou da inquisição ateia e gay, esta é a pura verdade, porque não constroem uma sociedade só de vcs.? comprem terra e formem um país onde ateus e gays irmanados glorificaram a si mesmos.
Interlocutor C disse: <u>16 de maio de 2014 às 3:22 pm</u> j... criar um país só pra ateus e gays? que nojo de você, preconceituoso alienado! Tinha que criar é um país só pra gente podre e com a alma ruim e preconceituosa como você seu verme!

A Interação 01 sugere uma diferença significativa de enquadramento sustentada, no entanto, por um referencial histórico comum, a Inquisição. Em que pese o teor das palavras de desqualificação mútua utilizadas, é possível igualmente observar a atribuição de características de poder à alteridade que a tornam tanto mais ameaçadora quanto maior for a extensão de suas possibilidades. Não por acaso, à “inquisição evangélica” é contraposta uma “inquisição ateia e gay” – neste último caso, a associação parece ser característica do enquadramento.

As interações entre pessoas depende, entre outros fatores, da maneira como a alteridade imediata é mutuamente enquadrada e compreendida, em um contínuo que vai da empatia à incompreensão responsável por reduzir qualquer possibilidade comunicativa ao mínimo. A interação a seguir exemplifica este último grau:

Quadro 02 - Interação enquadrada desqualificação mútua

Interlocutor A disse: 19 de maio de 2014 às 1:38 am

Ate que enfim a justiça do mundo diz uma coisa boa. Verdade. fazer culto a demônios nunca foi religião, e ´nojento aquele bando de mulheres de branco rodopiando pocessas e tem trouxa que vai lá ainda. lixo das trevas. tem que acabar com essa porcaria de umbanda candomblé, proibir de ter geral. Isso nunca foi religião.

Interlocutor B disse: 19 de maio de 2014 às 8:39 am

Quanta ignorância em uma só pessoa

Interlocutor C disse: 19 de maio de 2014 às 12:19 pm

Seu imbecil. Vá aprender pelo menos o português. Asco de gente como você. Cretino.

Interlocutor D disse: 19 de maio de 2014 às 10:03 am

e depois é voce mesmo que quer RESPEITO

Como voce pode querer respeito se não respeita as outras religiões ??

Religiões sim, porque não vai ser a justiça federal do rio de janeiro que vai acabar com as religiões afro evanjecas sempre hipócritas, adoram xingar os outros, desrespeitar a fé alheia mas eles NUNCA podem ser desrespeitados

Interlocutor E disse: 19 de maio de 2014 às 6:07 pm

Como pode uma pessoa que se diz, adorador de “DEUS”, “JESUS CRISTO” pode ser tão ignorante, J...., tenho vergonha de vc, Gente como vc, o inferno tá cheio, vai se tratar, vc tá doente, que”DEUS” tenha piedade de sua alma!

Interlocutor F disse: 20 de maio de 2014 às 7:35 pm

Humm!..

Quer duzer que as pessoas vestidas de branco e rodopiando ao som de seus cânticos religioso são “nojentas”? Isso sim é que é amor cristão!.

A ausência de referenciais comuns, como pode ser observada na Interação 02, conduz a interlocução para a agressão, na qual as afirmações do outro, assim como o interlocutor, são negativamente adjetivados. A acusação na fala de Interlocutor B e Interlocutor C indica algo semelhante. Os argumentos eliminam o diálogo. A diferença, neste exemplo, é apenas demarcada e tornada negativa.

As interações entre indivíduos são também interações entre os quadros utilizados para a compreensão mútua e para a compreensão do que ambos definem como sendo o significado de uma determinada situação. Na medida em que os quadros de referência não são quase nunca explicitados – exceto quando a interação exige o retorno metacomunicativo do sujeito para a explicação de seu discurso –, a apreensão dessas referências requer a operacionalização de uma metodologia que permita, de saída, identificar as referências utilizadas pelo sujeito na construção de seu discurso e atitudes.

Esse aspecto metacomunicacional, relacionado à percepção da relatividade dos quadros de sentido utilizados, parecem estar na raiz das considerações mais tolerantes encontradas nos comentários, na medida em que se reconhece que a identidade não implica singularidade:

Comentarista 01 disse: 20 de maio de 2014 às 10:02 pm

[...] não sou Deus para que possa julgar a fé de alguém, ou crenças ou gostos. Eu não gosto de strogonoff, outros gostam, quem sou eu pra julgar certo ou errado? [...]

Comentarista 02 disse: 19 de maio de 2014 às 12:23 pm

As regras de fé e prática bíblicas são verdades absolutas para os evangélicos mas não para as demais crenças religiosas! Assim sendo, não nos compete querer impor nossas crenças a eles...[...] Por último, aos que irão querer me criticar, informo que sou evangélico a 34 anos, tive minha vida transformada pelo Filho de Deus, já passei pelo espiritismo e exoterismo e mesmo lá encontrei tolerância, amizade, compreensão e solidariedade. [...]

O componente narrativo das identidades salientam Inthorn (2007) e Martino (2012), indica a maneira como os indivíduos, ao se narrarem, apresentam-se dentro de quadros responsáveis por atribuir sentido a si mesmos e aos outros – a definição de si ocorre em relação a uma definição da alteridade e, em escala macro, em uma definição da realidade.

À pergunta “quem é você?” corresponde um complexo quadro de referências nos quais os vínculos demarcadores de identidade e alteridade são trazidos à tona tendo como referência o estabelecimento dessas relações com a própria noção de “realidade” na qual o sujeito narrativo vive. Os comentários seguintes aprecem reafirmar essa observação, mencionando uma trajetória social:

Comentarista 03 disse: 23 de maio de 2014 às 3:52 pm

Pois bem, desde pequeno com meu avô (que nasceu, viveu e morreu como Umbandista) vi e sofri com a intolerância religiosa antes mesmo deste termo começar a ser usado, os ataques dos ignorantes que não conhecem e se acham no direito de nos julgar, dar a sentença e executá-la, tanto no trabalho, na faculdade, na rua, no comércio... chega, não vamos aguentar isso calados como muitos fazem, também não vamos deixar aqueles que agem da forma errada em nome de nossa religião manchar a imagem dela.

Comentarista 04 disse: 21 de maio de 2014 às 2:08 pm

Prezados eu vivi a minha infancia e adolescencia e juventude dentro da macunbaria e espiritismo foi a religião que meus pais mim encinaram junto com o catilicismo que são todos iguais e descubri que são todos mentirosos e enganadores e eles vivem a serviço de satanas pode até ser uma religião mas estão servindo a satanas se os macumbeiros sobesse de alguma coisa eles saberiam quais os numeros da telesena e outros jogos eles não sabem de nada são mentirisos como podemos admitir uma relição que sacrufica crianças e coisa do diabo e se voçe e macumbeiro e não gostou do que eu estou postando faça uma macumba pra mim.

A narrativa, lembram Bruner (1991), Gerbner (1999) ou Künsch (2007), é uma atividade com dimensões epistemológicas, e a perspectiva cognitiva do enquadramento, se pensado em relação ao sujeito, reforça essa perspectiva na medida em que oferece os referenciais para a compreensão da realidade, Souza (1971). Partindo do princípio de que a vinculação com uma instituição religiosa tem, dentre seus aspectos, a aceitação das narrativas a respeito do mundo e da realidade postuladas em seus fundamentos, é possível esperar que os quadros institucionais de interpretação do mundo se articulem com os “frames” do indivíduo.

Enquadramentos religiosos e relações com a alteridade

Os quadros de referência do sujeito cognoscente não tem uma origem única, mas se formam na intersecção de experiências; ninguém é “apenas” ou “totalmente” religioso: narrativas de ordem religiosa conferem ordem à realidade do sujeito quando convocadas para dar conta de uma situação. Definir-se, por exemplo, como uma pessoa “de Deus” implica demarcar quem não o é. Isso deriva em parte dos quadros presentes na narrativa religiosa previamente incorporada pelo indivíduo. Os comentários abaixo mostram isso em chave negativa:

Comentarista 05 disse: 16 de maio de 2014 às 12: 06 pm

A desgraça evangélica se alastra e se calça na ignorância de pseudo doutos que arbitram as nossas vidas e nossas crenças, o subjetivo que nos constitui pessoas [...]

Comentarista 06 disse: 17 de maio de 2014 às 9:08 am

Vocês “evangélicos” como sempre, na pequenez de espirito, coitados, patéticos.

Comentarista 07 disse: 21 de maio de 2014 às 8:38 pm

[...] *Nós amamos as pessoas da umbanda, do candomblé etc. tanto como amamos os homossexuais, como também pessoas criminosas e é justo por isso que conclamamos a elas que venham a Cristo [...]*

A mídia institucional religiosa, nesse sentido, tende a reforçar os vínculos com seus usuários, conforme Martino (2003), enquanto no espaço dos comentários, a presença de indivíduos vinculados a outras narrativas tende a implicar em um potencial conflito não exatamente entre “pontos de vista” ou “argumentações”, entendidas como defensáveis a partir de uma discussão com vistas ao entendimento, mas como disputas em torno de uma definição de verdade.

O quadro 03 indica, a partir da leitura dos 278 comentários, algumas das construções de si e apropriação do outro nos enquadramentos de identidade/alteridade.

Quadro 03 - Posicionamentos de identidade e alteridade nos comentários

	Enquadramento de si	Enquadramentos do outro	Qualificação da decisão do Juiz
Participantes alinhados com grupos Umbandistas	Constituído como religião Realce da matriz africana Valores: amor universal; caridade.	“Hipócritas” “Ignorantes” “Pretensiosos” “Vitimizados”	Inconstitucional Fora do âmbito de julgamento
Participantes alinhados com grupos Evangélicos	Vinculados à verdade Universalidade de sua mensagem Distinção entre o erro e o praticante do erro Valores: receptividade universal; fé	“Pecadores” “Adoradores de demônios e práticas similares” “Ignorantes” “Vitimizados” “Satanás” “Pecador”	Necessária Útil Deve ser ampliada A decisão impinge derrota a Satanás
Não declarados	Defesa do relativismo religioso (cultural); separação entre fé e religião; validade universal de crenças;	“Intolerantes” “Ignorantes” “Fundamentalistas” “Racistas”	Inconstitucional Fora do âmbito de julgamento Argumentos <i>ad hominen</i>

Observe-se que, de maneira congruente com a expectativa das dimensões cognitivas da perspectiva goffmaniana, a acusação mútua de “ignorância” sugere a ausência de reconhecimento a partir do qual o que o outro fala é tomado como válido – o que o outro “ignora”, é possível sugerir, são os quadros do outro.

A sustentação dos argumentos de clausura em relação à alteridade pauta-se em concepções cognitivas divergentes. Alguns comentários de auto-identificados ou simpáticos aos argumentos evangélicos apoiam-se incondicionalmente na Bíblia, tida como verdade incontestável, enquanto alguns comentários umbandistas procuram trazer como sustentação questões culturais, sobretudo destacando o valor cultural de sua crença.

Nos comentários mais violentos, os quadros de sentido religioso desaparecem em trocas de insultos. Em alguns comentários, comentaristas apresentados como evangélicos ou defensores referem-se ao que entendem como vinculação das práticas afro-brasileiras com entidades demoníacas, enquanto umbandistas ou seus defensores classificam os evangélicos como “ignorantes”, “hipócritas” e “racistas” sem mencionar os desqualificadores “evanjegues” ou “evanjecas” – na ausência de quadros comuns, o outro torna-se incomunicável.

Vale destacar que, entre os comentaristas favoráveis aos evangélicos, há quem deixe claro esse ponto de vista também, indicando que a Bíblia é verdadeira para os evangélicos, mas não necessariamente para adeptos de quaisquer outras denominações.

A complexidade e riqueza das relações identitárias de vínculo religioso pode ser observada na Interação 04. Ao comentário de Interlocutor A celebrando a “vitória” decorrente da sentença do juiz, há uma resposta agressiva do Interlocutor B, que, no entanto, utiliza-se de um argumento cristão. Do mesmo modo, Interlocutor C, que se identifica como “Cristã”, igualmente declara-se contrária a essa postura.

Quadro 04 - Interação enquadrada pela tolerância

Interlocutor A disse: 15 de maio de 2014 às 11:52 pm

Ainda bem que Deus nos deu a vitória, porque, as pregações trazem muitas almas a Cristo, e o diabo tentou proibir isso, mas Deus não permitiu!!

Interlocutor B disse: 16 de maio de 2014 às 8:40 am

M., definitivamente vc não passa de uma alienada. Em algum lugar DEu anda muito triste com pessoas como vc que vivem vendo o Diabo em todos os cantos ao invés do amor de Cristo. “Eis que vos deixo um NOVO MANDAMENTO: como Eu vos amei, amai-vos também uns aos outros” (Jo 13, 14)

Interlocutor C disse: 16 de maio de 2014 às 10:18 am

(...) Sou Cristã e me envergonhei da gororoba que você postou... a mesma graça que te alcança quando você mente e deseja mal para os outros é a mesma graça que alcança os praticantes de outras religiões... caso contrario o sol brilharia só pra você!

Isso significa recordar que as tentativas de generalizar os vínculos identitários a partir de uma única categoria de pertencimento – isto é, falar em “os evangélicos são...” ou “umbandistas são...” – é desmentida na investigação, que aponta para a multiplicidade e complexidade dos laços identitários. A tolerância e a capacidade argumentativa estão presentes em indivíduos de todos os grupos analisados.

A construção de uma identidade é um processo complexo, no qual estão relacionados elementos biológicos, históricos e culturais em níveis diferentes de importância. Identidades, longe de serem dados, são intrincadas elaborações nas quais os mais diversos discursos, práticas, referências e ideias encontram guarida em uma interseção assimétrica e, muitas vezes, destituída de qualquer coerência para além dos limites do próprio sujeito. Embora, no cotidiano, a identidade social possa em certas circunstâncias ser pensada como um “*factum*” (e aqui se joga com as desigualdades de sentido de “acontecimento”, “feito” e “fato”), trata-se, a rigor, de um processo em permanente construção, envolvendo níveis diversos como a memória pessoal, a história, as projeções de futuro e, claro, as condições materiais de existência no tempo presente.

Assim, ter uma identidade, “ser alguém”, requer muito mais do que um elemento biológico – um “corpo” como processo inicial, como ressalta Campos (2011), que se desdobra em aspectos culturais derivados das relações sociais. Os vínculos permitem a identificação, isto é, a percepção de uma relação afetiva e cognitiva de proximidade com aqueles que são próximos, tornando-os, nos vários sentidos da palavra, “familiares”. O “parecer com”, um dos elementos do “estar junto” dentro de uma perspectiva fenomenológica de identidade, é um requisito fundamental para que se compreenda o que é “ser alguém”. O comentário a seguir, nesse sentido, deixa claro o marcador de identidade na separação entre “criaturas de Deus” e “filhos de Deus”:

Brrb disse: 21 de maio de 2014 às 1:51 pm

[...] estude a biblia e vç verá que todos são criatura de DEUS até satanas é criatura de DEUS filhos de DEUS são aqueles que crê em JESUS e entrega sua vida a ele esses se tornam filhos de DEUS [...]

Em uma postura reflexiva de alto valor na constituição de identidades, ser reconhecido como “alguém” por um outro é um dos resultados esperados dos processos vinculatórios, no espaço do “tornar comum” algo que até então se desenrolava na esfera individual (SCOTT,

2007). Nesse sentido, “ter uma identidade” está ligado ao ato de estabelecer vínculos com o “outro”, diminuindo espaços de estranhamento.

A presença da alteridade que debate os fundamentos da narrativa de identidade do interlocutor questionando seus quadros gera uma distância às vezes intransponível entre os participantes de uma conversa, como aponta Cunha (2013). Nesse momento, na medida em que os fundamentos cognitivos mais arraigados dos interlocutores são colocados em cheque, o próprio vínculo mútuo de reconhecimento da situação se quebra. Como resultado, a alteridade se torna incompreensível. Diante desse cenário, a impossibilidade de qualquer congruência entre os pontos de vista gera uma paradoxal similaridade negativa entre os interlocutores na medida – as agressões ao outro que não se compreende porquanto é inapreensível dentro dos quadros de sentido.

Enquadramento, alteridade e vínculos religiosos

No âmbito dos estudos sobre mediatização da religião, as problemáticas referentes ao enquadramento de identidades parecem não ter encontrado ainda o desenvolvimento de outras temáticas – vejam-se Block (2000), Stout; Buddenbaum (2002, 2008). Certamente é possível destacar produções dedicadas ao tema, como Fausto Neto (2004) ou Borelli (2010), nos quais se trabalha a construção de novas manifestações de religiosidades em ambientes midiáticos a partir de aproximações com perspectivas identitárias e de vinculação.

Os graus de vinculação tendem a variar ao infinito conforme a relevância do componente religioso na trama da identidade individual. Identificar-se como vinculado a um grupo religioso implica responder, não só em uma perspectiva individual e interiorizada, mas também em termos sociais, pela objetivação de uma série de práticas, comportamentos e pontos de vista esperados que demonstrarão o vínculo religioso; se é possível jogar com as palavras, “ser religioso” atualmente está ligado ao “modo de ser” da religião com a qual se estabelecem vínculos.

Esse processo encontraria equivalentes em outros tipos de vínculos, como preferências esportivas ou de vestuário no que Woodward (1997, 2007) e Hall (1996) denominam “identidade cultural”, práticas, significados e representações a partir dos quais se estabelece quem se é. No entanto, as identidades de vinculação religiosa respondem por enquadramentos

específicos, como encontradas nos comentários analisados. O comentário a seguir sugere esse tipo de vínculo:

Lya Silva disse: 19 de maio de 2014 às 12:29 am

Sou Umbandista, não tenho e nunca tive vergonha de assumir minha RELIGIÃO. Esse juiz como várias pessoas, se procurassem ler a respeito da Umbanda, saberiam que alguns dos seus princípios são a HUMILDADE, FRATERNIDADE E CARIDADE. E o nosso Deus, é o mesmo Deus de todas as demais religiões, que acreditam no poder e na força do Divino Espírito Santo.

Como observado alhures, Martino (2003), algumas religiões ocidentais parecem se caracterizar parcialmente, pelo paradoxo entre um discurso institucional oferta de fraternidade e uma prática de deslegitimação da concorrência dentro do campo religioso, tal qual o caracteriza Bourdieu (1971). Espaço estruturado de relações entre agentes que disputam prêmios reconhecidos a partir de um jogo comum, com regras mais ou menos explícitas interiorizadas em diferentes graus pelos participantes, o campo religioso se caracteriza por uma lógica concorrencial que tem como referente os bens de salvação oferecidos aos que se vinculam a um de seus agentes em um discurso concorrencial de valorização dos próprios valores e a deslegitimação dos bens simbólicos da concorrência.

Esse fenômeno parece se manifestar com especial veemência dentro dos discursos de identidade pautados quando tomados em seu aspecto de vinculação com crenças e práticas religiosas.

O processo de mediatização da religião, nesse sentido, na medida em que constitui “um novo modo de ser no mundo”, segundo Gomes (2013), recria-se em comunidades de sentido virtuais, nos quais, aponta Miklos (2012), vínculos de identidade se dão a partir de vivências interações realizadas nos ambientes digitais.

A mediatização da sociedade, nesse aspecto, parece implicar uma redefinição contínua das identidades a partir do trânsito do sujeito disperso em vários ambientes, objetivado em perfis, avatares e relações diferentes. A manutenção das identidades em uma sociedade mediatizada, como indicam Wellman (2001), Turkle (2012) ou Linke (2011), requer um investimento considerável de redemarcação das fronteiras de identidade em um espaço caracterizado pela mobilidade.

Identidades não são constituídas apenas por vínculos de proximidade, mas também na demarcação das fronteiras entre o que se “é” ou “não é”. No entanto, é bom de saída indicar que essa percepção da fronteira como um demarcador de caráter fixo pode levar a uma

considerável série de oposições fixas e rígidas, como se o sujeito fosse um todo coerente no qual a todas as demarcações de “quem se é” correspondesse um outro objetivo relacionado a “quem não se é”.

As diversas linhas que compõe a trama da identidade mesclam-se em sentidos muitas vezes desconhecidos do próprio sujeito, no qual variáveis diversas assumem uma preponderância momentânea na formulação de si mesmo – veja-se, nesse sentido, trabalhos de Spivak (1992) ou Woodward (2007). A pluralidade de vínculos identitários descontínuos é característica do que Hall (1997) denomina “sujeito pós-moderno”, Patriota (2008).

Considerações finais

A reinvenção do religioso em uma sociedade mediatizada apresenta-se como uma condição para que sejam acompanhadas tanto as demandas de um campo religioso mais e mais articulado com os meios de comunicação e com os ambientes digitais quanto para garantir a visibilidade pública de denominações e, se for o caso, obter a partir disso o espaço necessário para a busca de espaços outros de atuação – a política, a cultura ou a educação, por exemplo.

No contexto das relações entre mídia, política e religião, o episódio analisado reveste-se de particular interesse por conta das variáveis nele incluídas e nas questões de pesquisa que levanta se pensado a partir do corte transversal da constituição de identidades. A decisão sobre a condição de religião dos cultos afro-brasileiros foi tomada por um juiz federal, apresentando portanto caráter político por conta de sua vinculação ao Estado. Ao mesmo tempo, altera o balanço de poder em um segmento do campo religioso no qual justamente evangélicos e cultos afro-brasileiros buscam espaço há décadas, veja-se Fry e Howe (1975) por conta de sua representação. Finalmente, relaciona-se diretamente com o entendimento ontológico e reflexivo de identidades religiosas em um contexto de mediatização da sociedade.

Como foi observado a partir dos comentários e, principalmente, das interações, os enquadramentos utilizados para a apreensão da alteridade parecem se caracterizar, em boa medida, pelo fechamento ontológico e meta-reflexivo diante de qualquer elemento que não se conjugue de maneira quase imediata aos quadros de sentido utilizados. Nas palavras de Brandão (1986, p. 7), “o outro é um diferente e por isso atrai e atemoriza”.

A apreensão da alteridade mostrou-se, em boa parte dos exemplos, problemática na medida em que foi possível detectar enquadramentos bastante radicais tanto nos comentários associáveis a evangélicos quanto a umbandistas.

Em termos gerais de enquadramento, ao mesmo tempo em que foi possível encontrar comentários associando discursivamente praticantes de cultos afro-brasileiros com criminosos, defensores das religiões afro-brasileiras destacavam a suposta “ignorância” dos evangélicos. Um elemento a reforçar é o entendimento do outro não como alguém que discorda legitimamente de sua opinião, mas como um sujeito situado, por vontade própria ou manipulação alheia, do lado de fora da verdade. Não há, nesse sentido, “discordância” entre os adeptos de cada denominação ou culto na medida em que para “discordar” é necessário ao menos o reconhecimento a respeito do objeto em disputa. Os diferentes enquadramentos utilizados por defensores da umbanda e dos evangélicos não permitia sequer o estabelecimento de um consenso mínimo a partir do qual se poderia discordar a respeito de elementos específicos.

Vale recordar, no entanto, que foi igualmente possível observar comentários conclamando a tolerância igualmente dos dois lados. Isso sugere, como mencionado anteriormente, a existência de variáveis identitárias responsável por contrabalançar, em alguns sujeitos, o peso específico de determinadas escolhas e filiações.

O processo de mediatização da religião impele à construção de identidade de vínculo religioso em ambientes midiáticos, nos quais são reelaboradas significações de si e da alteridade, a partir dos quadros de sentido expressos nas postagens, comentários, interações e narrativas diversas.

A interrogação final, para a qual não se oferece resposta na medida em que remete para outra discussão, é questionar, em termos de uma ética das relações, em que medida os argumentos de um outro, pelo simples fato de serem vinculados à alteridade, podem ser deixados de lado, em bloco, na clausura da diferença.

Referências

- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **The social construction of reality**. Londres: Penguin, 1986.
- BLOCK, E. The media and religion: a decade of publications. **CQB**, Londres v. 33, n. 11, 2000.
- BORELLI, V. Midiatização, dispositivo e os novos contratos de leitura geram uma outra religião. **Ciências da Comunicação**, Lisboa, v. 2010, p. 1-15, 2010. Biblioteca on-line.
- BOURDIEU, P. Genèse et structure du champ religieux. **Revue Française de Sociologie**, Paris, n. 12, p. 295-334, 1971.
- BRANDÃO, C. R. **Identidade e etnia**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BRUNER, J. The narrative construction of reality. **Critical Inquiry**, Nova York, v. 18, n. 1, p. 1-21, 1991.
- CAMPOS, V. P. P. **Beleza é coisa de mulher?** Recife: UFPE, 2011.
- CUNHA, M. N. O lugar das mídias no processo de construção imaginária do 'inimigo' no caso Marco Feliciano. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 10, p. 51-74, 2013.
- ENTMAN, R. M. Framing: toward clarification of a fractured paradigm. **Journal of Communication**, EUA, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.
- FAUSTO NETO, A. 'Nada tira, nada envolve, nada completa' - leituras em recepção do discurso midiático religioso. **FAMECOS**, Porto Alegre, v. 1, p. 98-104, 2008.
- FAUSTO NETO, A. A igreja doméstica: estratégias televisivas de construção de novas religiosidades. **Cadernos IHU**, São Leopoldo, v. 2, n. 7, 2004.
- FRY, P.; HOWE, G. N. Duas respostas à aflição: umbanda e pentecostalismo. **Debate & Crítica**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 6, p. 75-94, 1975.
- GASPARETTO, P. R. **Midiatização da religião**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- GERBNER, G. The stories we tell. **Peace Review**, São Francisco - CA, v. 11, n. 1, p. 9-15, 1999.
- GOFFMAN, E. **Frame analysis**. Londres: Penguin, 1974.
- GOMES, P. G. **Da igreja eletrônica à sociedade em midiatização**. São Paulo: Paulinas, 2010.
- GOMES, P. G. Processos midiáticos e construção de novas religiosidades. **Cadernos IHU**, São Leopoldo, v. 2, n. 8, 2004.
- GOMES, P. G. Como a midiatização (um novo modo de ser no mundo) informa sobre processos comunicacionais? In: BRAGA, José Luiz, et al. **Dez perguntas sobre a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Unisinos, 2013.
- HALL, S. Who needs 'Identity'. In: HALL, S.; DuGAY, P. **Questions of cultural identity**. Londres: Sage, 1996.
- HJARVARD, S. The mediatization of religion. A theory of the media as agents of religious change. **Northern Lights**, Copenhagen v. 6, p. 9-27, 2008.
- HOOVER, S. **Religion in the media age**. Londres: Routledge, 2006.
- INTHORN, S. **German media and national identity**. Londres: Cambria Press, 2007.
- KÜSNCH, D. Teoria compreensiva da comunicação. In: VVAA. **Comunicação: saber, arte ou ciência?** São Paulo: Plêiade, 2007.



- LINKE, Christine. Being a couple in a media world: the mediatization of everyday communication in couple relationships. **Communications**, Nova York v. 36, p. 91-111, 2011.
- MARTINO, L. M. **Mídia e poder simbólico**. São Paulo: Paulus, 2003.
- MARTINO, L. M. **The mediatization of religion**. Londres: Ashgate, 2013.
- MENDONÇA, R. F.; SIMÕES, P. G. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Caxambu-MG, v. 27, p. 187-201, 2012.
- MEYER, B.; MOORS, A. Introduction. In: MEYER, Birgit; MOORS, Annelies (Ed.). **Religion, media and the public sphere**. Bloomington: Indiana University Press, 2006.
- MIKLOS, J. **Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos na cibercultura**. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2012.
- PATRIOTA, K. O Fragmentado sujeito pós-moderno e a religião midiática. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, PR, v. 1, p. 14, 2008.
- PORTO, M. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIN, A. A. C. (Org.). **Comunicação e política: conceitos e abordagens**. Salvador: Edufba/Unesp, 2004.
- SCHEUFELE, B. Framing-effects approach: A theoretical and methodological critique. **Communications**, Nova York n. 29, p. 401- 428, 2004.
- SCOTT, C. Communication and Social Identity. **Communication Studies**, Nova York, v. 58, n. 2, June, 2007.
- SOUZA, B. M. **A experiência da salvação**. São Paulo: Duas Cidades, 1971.
- SPIVAK, G. C. Acting bits/identity talk. **Critical Inquiry**, Chicago, v. 18, n. 4, p. 770-803, 1992.
- STOUT, D.; BUDDENBAUM, J. Genealogy of an emerging field: foundations for the study of media and religion. **Journal of Media and Religion**, Philadelphia, v. 1, n. 1, 2002.
- STOUT, D.; BUDDENBAUM, J. M. Approaches to the study of media and religion. **Journal of Media and Religion**, Philadelphia, v. 1, n. 38 p. 226-232, 2008.
- TURKLE, S. **Alone together**. Nova York: Basic Books, 2012.
- WELLMAN, B. Computer networks as social networks. **Science**, Londres, v. 293, p. 2031-2034, September, 2001.
- WOODWARD, K. Concepts of identity and difference. In: **IDENTITY and difference**. Londres: Sage, 1997.
- WOODWARD, K. **Understanding identity**. Londres: Arnold, 2007.

Luís Mauro Sá Martino – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Faculdade Cásper Líbero. São Paulo | SP | Brasil. Contato: lmsamartino@gmail.com

Artigo recebido em outubro de 2014 e aprovado em novembro de 2014.